

DIRECCÃO E EDIÇÃO DE J. ALCINO CORDEIRO

ANUÁRIO  
DA  
REGIÃO  
DURIENSE  
1940

Sala 8  
Gab. 120  
Est. 6  
Tab. 6  
N.º -



IMPRESA DO DOURO / R. DE SERPA PINTO, 24 / RÉGUA

## COMÉRCIO, INDÚSTRIA, AGRICULTURA E PROFISSÕES

## Azeite:

## Produtores:

Gastão Inácio Negreiros,  
José Joaquim Gouveia, Herd.

## Comerciantes (mercearia, fazendas, etc.):

Albano Lopes Pinto,  
Luiz António Ramos.

## Vinho:

## Produtores — De 51 a 100 pipas

José Joaquim Gouveia, Herd.  
D. Lídia de Jesus Amorim Guedes  
de Mesquita Plmentel.

## De 21 a 50 pipas

Agostinho de Figueiredo Calhado,  
Gastão Inácio Negreiros,  
José Augusto Rodrigues,  
D. Palmira Augusta Amorim Gouveia Soeiro, Herd.

## De 5 a 20 pipas

D. Adélia Sarmiento Negreiros,  
Adelino Norberto de Castro,  
Albano Augusto Lopes Pinto,  
D. Antónia Olímpia Sarmiento Negreiros,  
Eduardo Augusto Lopes Pinto,  
Júlio Vaz da Costa Cardoso,  
Luiz António Ramos.

## Vila Nova de Fozcoa

Distrito da Guarda

Freguesia de Vila Nova de Fozcoa

Julgado municipal. Comarca da Mèda.

Servida pelas estações do C. F. de Pocinho e Còa, pela estrada nacional n.º 9 — 1.ª e pela carreira diária Mèda-Pocinho.

Feriado municipal, 31 de Dezembro.

Dias de feira anual, 8 de Maio e 29 de Setembro.

Mercados, no último Domingo de cada mês.

## I — A Paisagem

A estrada íngreme que sobe de Pocinho, em voltas caprichosas, conduz-nos, tornejando montes, até Vila Nova de Fozcôa.

Se a primavera vai calma, as amendoeiras floridas põem uma nota de alegria na singeleza da paisagem, espalhadas com profusão, como flôres em altar de festa.

Branquinhas umas, abrem alas sorrindo ao viajante; coradas outras, como se lhes tivesse aflorado ao rosto o pudor de terem para quem passa, na lide cotidiana, caminho tão calejado pelo desleixo dos homens. Mais alguns metros de estrada péssima, onde os carros se baloçam como em mar pro-

celoso, e eis-nos chegados à ermida do Senhor dos Allitos, sentinela vigilante que do planalto da vila espreita, sobranceira, os contrafortes das seranias. Além, é a colina ingrata que desce da risõha povoação de Santo Amaro, suportando sobre o dorso emagrecido a amendoeira e algumas pernadas de pão; sumagrais esqualidos que dois jericos vão arando lentamente em sulcos transversais como rugas em fronte envelhecidas. E os montes pegam-se por vales e talvegues profundos, caprichosamente recortados de socacos, dispostos como degraus de escada em cujos intervalos medram a oliveira e a vinha. Para cima, sobem em linhas quebradas e trémulas até Freixo de Numão; em baixo, perdem-se em rochas espalhadas a esmo, pequenas e mansas como cordeiros pastando. Nas circunvizinhanças do Monte Meão, fronteiro ao Douro, tomam atitudes atrevidas de velhos atletas, ásperas carancas olhando o Céu com a estranha filosofia da sua alma granítica. Madeixas de mato, aqui e ali encabelam o monte, leves se o tojo e a giesta predominam, espessas quando o zimbro sacode as suas melenas de rufia esguedelhado e agressivo; retalhos de urze e arreçã maninha, como barba hirsuta, onde as perdizes se espetam para rotarem aos bandos ante o tropel dos caçadores e o focinho dos perdigueiros. E o Douro, ao fundo, limitando pela sua margem direita as terras de Trás-os-Montes, espraia-se mansamente, no meio de rochedos, como duas maxilas enormes e descarnadas, arregaçando os seus dentes de granito; beija o solo muito doirado, estiraçado ao sol, escamas de luz chispando, como se fôsse um peixe colossal. A vasta bacia da Veiga do Pocinho, surge a nossos olhos pujante da verdura negra das oliveiras, formosas, espessas na simetria do alinhamento, redondas como taças de prata erguidas para o Senhor. O vale fértil e profundo que sobe até Vila



VILA NOVA DE FOZCOA — Largo da República

Foto C. Saralva

Nova e se projecta depois até Longroiva, comove-nos pelo contraste surpreendente das suas tonalidades que, ora avultam em manchas de verdura densa, entreteendo a vista e desanuviando o espírito, ora se dilata em feracíssimas olgas; choupos velhinhos, de corcunda ossificada pelo tempo, álamos e salgueiros vigorosos, em filas cerradas, num panorama de côr e de poesia que traz, na sua miniatura, à nossa retina a Coimbra da lenda e da saúde. Sê a vista chora a perda da paisagem, o coração a pena dos rouxinois sem ninho e a terra a dôr da sua nudez, mandam, no entanto as exigências materiais da vida recordar quanta riqueza se não aproveitaria revolvendo todo aquele solo fertilíssimo, ainda virgem, em hortas abundantes onde gemessem as noras. Os vinhedos, como filas de soldados disciplinadamente, sobem até meia encosta, cansados, que a ladeira é fatigante e o braço do homem se não ergueu ainda para que avancem. No verão, debruçados na trincheira dos arames, munidos das suas cartucheiras de doirados bagos que dentro em pouco um grupo de raparigas belas há-de vencer cantando. A poeira em que o xisto característico da Região se desentranha, agita-se sôbre a estrada numa intensa nebulose como se do cãos primitivo se houvessem desagregado novos mundos, enchendo a terra, as pessoas e os animais duma poalha luminosa que se bebe, se exala, se desagrega, se respira, no ciclo intermimo do seu fado, no fatalismo da sua própria essência. Deposita-se sôbre as fôlhas emurchecidas, torna mais árida e ressequida a paisagem, mais dolorosa a magreza esquelética do cardo enquanto o sol, arauto de bôca escancarada, vai apregôando a côr num destempêro de louco e a cigarra vibra o seu canto aflitivo e estrídulo como se fôsse a própria luz do sol feita asa.

## II — O Solo

Todo o concelho de Vila Nova de Fozcôa produz magnífico vinho do Pôrto muito apreciado e procurado pelas várias firmas exportadoras. Aqui vêm fazer as suas compras, entre outras, as importantes casas Cokburn-Smith, Robertson Bros, que tem no Pocinho umas boas instalações, Sandman, Hunt-Roop, para só falarmos das estrangeiras.

Nas encostas sobranceiras ao Douro, desde Almendra até Vargelas, as uvas são de qualidade finíssima; muito boas nas vertentes de Fozcôa, Chans, Longroiva e Murça do Douro. Menos boas mas ainda apreciadas na área restante do concelho. Há aqui belas quintas que possuem ótimos armazéns e são de grande produtividade. Além de outras, citaremos as seguintes: a famosa Quinta do Vesúvio, da Casa Ferreirinha, que deve ser das melhores da Região; Vargelas, do Dr. José Maria Saraiva de Aguilár; Vale de Malhadas, do Sr. Aires de Aguilár; Vale do Meão, da Casa Ferreirinha; Reguengo, do Dr. António Carvalho Margarido; Quinta da Veiga, do Sr. Aires Botelho; Chão de Ordem, do Sr. Acúrcio Salgado de Andrade; Sequeira, do

Dr. Gastão Costa; Chão do Pereiro, do Sr. Engenheiro Homem de Melo; Canameira, do Sr. Alfredo Homem; Bons-Ares, do Sr. Luiz Feliciano Garrido, etc., etc. A Casa do Douro possui, também, no Pocinho, junto à linha férrea, uma importante quinta onde tem procedido a trabalhos muito uteis e benéficos para a lavoura duriense. Funciona afi uma máquina de destilação das mais modernas e nos armazéns construiu uma série de cubas em cimento armado. Na casa de habitação instalou, a Direcção Geral de Saúde, com assentimento da Casa do Douro, a Estação Anti-Sesonática que vem prestando, aos doentes da Região, assinalados serviços. É uma das mais interessantes e úteis iniciativas em matéria de acção social. Colhe-se neste concelho o mais fino azeite do Douro e o olival é vastíssimo e de belo porte. Quintas há como a do Vesúvio e Monte-Meão que produzem 800 a 1,000 almudes e têm instalações oleícolas dignas de serem visitadas, pelo seu esmêro. Neste concelho existe uma das melhores fábricas de azeite e de moagem de cereais do norte do País, situada em Almendra e pertencente à firma Soares & Irmãos. A amêndoa constitui grande riqueza do concelho e em tôdas as encostas, mesmo nas mais abruptas e rochosas, a amendoeira se desenvolve lindamente mergulhando fundo as suas raízes na xisto. No tempo da floração, Fozcôa é justamente visitada porque nem só o Algarve oferece o panorama encantador das amendoeiras floridas. Como a maior parte dos turistas são unânimes em afirmar, aqui, devido ao declive do terreno, o cenário é ainda mais imponente.

Nas encostas mais íngremes cresce, espontaneamente, uma planta herbácea conhecida pelo nome de «sumagre» cujas fôlhas produzem uma percentagem notável de tanino e terevina, por essa razão aproveitada na indústria dos cortumes. Tem grande fama o sumagre de Fozcôa que é muito procurado e obtem sempre os melhores preços. A colheita faz-se pelos meses de Julho e Agosto. As fôlhas e as partes mais tenras da planta são cortadas, enfeitadas e transportadas em animais para um sítio plano onde são expostas ao sol. Uma vez sêcas, são malhadas para se lhes tirar tôda a parte lenhosa e as nervuras das fôlhas. Assim, crestadas pelos raios fortes do Sol de Agosto, são, depois reduzidas a pó em moínhos, especiais chamados «atafona». Das minas de lousa dêste concelho se extraem os bem conhecidos esteios para vinhas que por tôda a parte se espalharam. Há-os de tôdas as dimensões desde os sete palmos vulgares até às pedras de 20 e 30, elegantes pelo seu talho e que seivem para as ramadas. O cinzel do mestre entalhador fozcoense, com uma perícia digna de registo, extrai da massa bruta o bem apresentado esteio que não admite competição. Foi muito desenvolvida outrora, a indústria de cordoaria e têm fama, ainda hoje, as cordas de Vila Nova de Fozcôa. Os seus cordoeiros, a quem o Marquês de Pombal concedeu grandes prerogativas, foram-se depois arruinando, assoberbados pela industrialização da arte, mas ainda aqui se fabricam muitas e bôas cordas que são procuradas e preferidas pelos consumidores. Existe ainda o velho Largo dos Cordoeiros

onde trabalham algumas rodas. Esta indústria, antiqüíssima, notabilizou-se tanto que, parece, daqui foram muitos cordoames que serviram nas naus da Índia e talvez ao caso não seja estranho o encordoado que figura com abundância, como pormenor decorativo, no frontespício da Igreja Matriz e no Pelourinho, notáveis monumentos nacionais, em puro estilo manuelino. Fozcôa possui muito cereal, principalmente trigo e centeio e aos seus celeiros converge a produção dos vizinhos concelhos de Mêda e Trancoso. Também o Grémio Vitícola estende a sua área até Figueira-de-Castelo-Rodrigo e Mêda.

— Vila Nova de Fozcôa é terra de caça. Nos seus montes cria-se a perdiz em bandos numerosíssimos que os caçadores dos mais afastados pontos do país vêm perseguir, em magníficas caçadas, na companhia de profissionais. As perdizes são batidas, na primeira fase da caçada, pelos áltoz, e uma vez canalizadas para os vales, a fila dos caçadores toma a encosta e vai, assim, contornando os montes, na extensão de muitos quilómetros, levando na sua frente os bandos. Perseguidas, apoz os primeiros vãos largos, começam a esperar; espetam-se na orla dos montes e dos silveirais e então é atirar-lhes «a pé quêdo», segundo a expressão da gíria venatória.

— Constituição heráldica das armas da vila: de negro, com uma amendoirando verde florida de prata e sainte de um contra-chefe, de verde rematado de rochas de prata realçadas de verde, cortado por três faixas onduladas de prata e uma de azul. A amendoeira, acompanhada de duas trompas de caça de ouro, forradas de vermelho, sustidas por dois falcões de sua cor, sancados e bicados de vermelho e acantonada em chefe por dois nós de cordão de ouro passados em bordadura. Corôa mural de prata de quatro torres. Listel branco com os dizeres «Vila Nova de Fozcôa», de negro. Bandeira esquartelada de branco e de verde; cordões e borlas de prata e de verde; lança e haste douradas.

### III — Nota Histórica

Vila Nova de Fozcôa teve três forais: O 1.º dado por D. Deniz em Portalegre a 21 de Maio de 1299, Livro IV de doações do Senhor Rei D. Denis, fl. 13, col. 12.ª in fine. O 2.º dado pelo mesmo Rei em Lisboa, no dia 24 de Julho de 1314. Maço 8 de Forais Antigos, n.º 18. Outro, dado por D. Manuel, em Lisboa, no dia 16 de Junho de 1514, Livro dos Forais Novos da Beira, fl. 126, col. 1.ª. Da leitura da «Monarchia Lusitana», parte V, cap. 3.º, fl. 181, col. 2.ª, obtêm-se preciosos ensinamentos quanto à data da fundação do castelo da vila, hoje quasi totalmente em ruínas. Não era muito antigo pois em 1479 ainda não estava feito e foi D. Afonso V que para levar os habitantes da vila a edificá-lo lhes prometeu isenção de alcaldaria. Apesar disso, só mais tarde foi edificado. Vila Nova, como o nome indica, é de recente fundação. Os remotos núcleos populacionais que lhe deram origem,

estavam situados distante da actual vila, no Monte Meão (sítio do Castelo Velho); no Paço de S. Vicente ou Relento e na Azinhate onde têm aparecido restos de velhas civilizações.

Quando os homens perderam o receio das lutas constantes em que se debatiam nos alvôres da civilização, resolveram-se a povoar a extensa planície onde Fozcôa assenta; abandonaram então êsses sítios mais abruptos que haviam procurado num instintivo gesto de defesa e que não são hoje mais do que ruínas. Aqui se estabeleceram em volta de três ou quatro pontos principais que se foram fundindo num só até constituirem a vila actual. Em volta de velhas capelas ainda hoje existentes e que possivelmente haviam sido templos pagãos, têm aparecido sepulturas cavadas na rocha, restos evidentes de cemitérios. Na Igreja Matriz, foi encontrada, recentemente, uma ara romana perfeita, enterrada junto dum altar. Este acontecimento abona a opinião que acima emitimos. No frontespício da Igreja vê-se a esfera armilar, emblema de D. Manuel. São duas, colocadas lateralmente, uma encimada por uma cruz de Cristo e a outra por uma flôr de liz. A presença da flôr de liz deve-se ao facto de ter sido D. João I que elevou Fozcôa a categoria de vila. A Igreja é constituída por três naves elegantes, de tecto com pinturas alegóricas, bem desenhadas e distribuídas. A capela-mor é ornada de riquíssima talha renascença e a abóbada, em caixotins, com famosos quadros pintados a óleo. Também o tecto da sacristia é ricamente decorado. Possui paramentos do maior valor. Os abades de Igreja de Fozcôa usavam murça e anel como os cônegos, desde tempos muito remotos. O Pelourinho é formado por uma grande coluna de granito, quadrada, de faces trabalhadas ornamentada a cordas, em relêvo e, no topo, quatro pirâmides erectas sóbre um elegante capitel, uma esfera armilar com a cruz de Cristo e flores de liz, emblemas de D. Manuel e D. João I, monarcas a quem, como já dissemos, a vila deve a igreja e a sua categoria.

A população das desasete freguesias de Vila Nova de Fozcôa, pelo último censo, (1930), é de 12.273 almas. Vila Nova de Fozcôa ocupa o



VILA NOVA DE FOZCOA — Igreja Matriz

(Monumento Nacional)

Foto C. Saraiva

77.º lugar na escala da estatística telégrafo-postal entre as 722 estações do país, com 10,867 operações, somando o movimento concelhio 18.698. (Luiz Baptista). Deve ser a 3.ª vila do distrito da Guarda pois só tem à sua frente Gouveia e Seia. É muito comercial e já Pinho Leal dizia que das terras banhadas pelo Douro, depois de Vila Nova de Gaia e Régua, estava Fozcôa. Tem sob a sua jurisdição antigas e importantes vilas. Aqui pertenceu a notável Marialva como comarca; pertence ainda hoje Freixo de Numão, concelho extinto em 1855, de velhos solares e vínculos morgnáticos arruinados; Almendra, cuja palavra de origem árabe significa em espanhol amêndoa. A altiva Numão, que embora pareça não ser a célebre Numância, é recheada de recordações históricas; a inclita Cedavim ou Cedavi com foral datado de 1271 por D. Afonso III, onde tem vetusto solar a nobre família Teixeira de Aguiar Rebelo. Aos habitantes de Cedovim dizem os de Fozcôa: «Cedovim, terra bôa e gente ruim; e respondem êles: «Fozcôa, nem terra nem gente bôa». A fértil Muxagata ou Mugegata com foral dado por Egas Gosendes, igual ao de Sernacelhe, que abastece Fozcôa e cujos frutos são uma delícia. Também as suas mulheres agradaram a Pinho Leal que lhes chamou limpas e bonitas. O povo diz: «Se fores a Muxagata e fores aos meloais comes êsses e berras por mais». Sinal evidente de que são bons! A velhíssima Castelo Melhor, cabeça do célebre marquesado (foi condado). D. Denis lhe mandou fazer o castelo e a povoou; foi espanhola até 1282, data em que veio para a corôa em dote da Rainha Santa Isabel. D. Afonso VIII de Leão ali esteve em Fevereiro de 1209 e dali lhe deu foral que existe no maço V dos forais antigos, n.º 3, da Torre do Tombo. Há meses foi chamada a atenção de quem estas linhas escreve para umas pedras gravadas com desenhos representando flôres, plantas e animais ali encontradas. Alguns, feitos com notável perfeição, especialmente um peixe, umas serpentes e uma cabeça de cavalo arreado, assim como uma ave em attitude de levantar vôo, revelavam intuição artística da parte do lapicida. É evidente que se trata de petroglifos de época muito remota, para ali arremessados, à revelia, dignos de detalhado estudo. Os Marqueses de Castelo Melhor são Vasconcelos; vêm de Mem Rodrigues de Vasconcelos, celebrado nos «Lusíadas», e de D. Ramiro III de Leão, Próximo de Castelo Melhor ficam os vestígios da antiga cidade romana, Caliabria ou Ravena; pátria do mártir Santo Apolinário. Vila Nova está separada de Castelo Melhor e Almendra pelo Côa, que vai desaguar no Douro a seis quilómetros, desta vila. As margens dêste rio são ásperas e muito acidentadas; a corrente, por vezes caudalosa, muito prejudica a passagem que ainda se faz, como nos tempos primitivos, por meio de barca. Não há estrada para lá, e esta, que muito preocupa os actuais dirigentes do concelho, já foi objecto de estudo há mais de cem anos (1835) por parte da Câmara de então, no desejo de pôr em contacto com a séde aqueles povos, «livrando-os assim das turbulentas agoas do Côa e da barcuca honde hum home e hua besta grande pagam 20<sup>rs</sup> de portage». Assim resam os velhos manuscritos municipais.

A Região Transcudana esteve até relativamente tarde no domínio da Espanha. Por isso, não só nos hábitos, linguagem da população (principalmente Almendra e Orgal, no que respeita ao nosso concelho), como ainda na heráldica, a influência da civilização e arte castelhanas é manifesta e a leitura de alguns brasões torna-se difícil, se não impossível, sem o auxílio da genealogia. Ainda foi o rei de Leão e Castela, D. Afonso, o Sábio, que estando em Burgos no ano de 1270 nomeou o conde D. Gil Martins senhor donatário de Almendra. Nesse tempo e até 1297 tóda a comarca de Riba-Côa pertencia àquêle e a fronteira com Portugal era o rio Côa tendo Leão e Castela alguns terrenos na margem esquerda. Pelo tratado de rectificação de fronteiras que no ano de 1297 se fêz em Alcanizes entre El-Rei de Portugal D. Denis e D. Fernando IV de Castela e Leão, passou tóda a comarca de Riba-Côa para Portugal e a fronteira deixou de ser o Côa para ser o rio Águeda e no resto como agora está. El-Rei D. Deniz deu foral a Almendra. Foi o primeiro que esta vila teve dado por um rei português e que El-Rei D. Manuel ratificou depois.

Vila Nova de Fozcôa, Outubro, 1939.

JOSÉ SILVÉRIO DE ANDRADE.



VILA NOVA DE FOZCOA — Largo do Município

Foto C. Saralva